

Ciberespaço e o espaço para a identidade

Maria Valdenice CRAVIÉE¹

Resumo

Esse trabalho é o resultado de reflexões obtidas de leitura dos livros *Sexo, afeto e era tecnológica*, organizado por Sérgio Porto (1999) e fazendo contraponto com os livros *Identidade cultural na pós-modernidade* de S. Hall (2006) e *Questões fundamentais da sociologia* de G. Simmel (2006). Tem por objeto discutir a questão da identidade no mundo globalizado permeado pelo mundo virtualizado com suas muitas características dentre as quais destaca-se o anonimato. Com a globalização as distâncias foram eliminadas, permitindo que diferenças sócio-culturais fossem dissipadas. Avaliar ou analisar se o ciberespaço que favorece a eliminação de barreiras ou desterritorialização alimenta a crise de identidade da sociedade é a intenção desse artigo.

Palavras-Chave: Ciberespaço. Anonimato. Identidade.

Introdução

O presente artigo foi elaborado com elementos teóricos no sentido de investigar a identidade nesse mundo globalizado, reforçado pela internet. Sabe-se que as novas tecnologias têm trazido mudança no comportamento do homem, ou seja, a percepção coletiva das relações humanas tem sido deixada de lado, e em seu lugar surge um indivíduo fragmentado.

Hoje a internet é usada para diversos fins, do âmbito educacional, a fins de entretenimento, ou seja, ela proporciona uma série de serviços de forma rápida e instantânea.

É interessante pensar como tem sido a repercussão da era tecnológica na vida da sociedade. Além da rapidez é possível diminuir custos e trabalho. Essa agilidade de processos tem marcado a sociedade e, portanto, seus indivíduos. Se antes a sociedade mantinha em estabilidade a identidade dos indivíduos, hoje se percebe novas

¹ Mestranda em educação pela Universidade Católica de Brasília - UCB.

identidades, um indivíduo multifacetado. Stuart Hall (2006) afirma que o homem pós-moderno assume identidades diferentes em momentos diferentes, não mais em torno de um 'eu' coerente, ou seja, há um deslocamento, constituindo, segundo ele, uma crise de identidade.

Para o autor, o homem devido ao seu deslocamento constante frente ao mundo globalizado, se encontra em profundas transformações nos aspectos culturais, sociais e políticos, portanto, dividido, fragmentado. Tais mudanças não permitem ao sujeito pós-moderno sentir-se integrado e estável, desta forma, esta perda de sentido de si ou deslocamento do sujeito vem transformando-o fazendo com que seja composto de várias identidades. Nesse mundo complexo, no qual as informações possuem um perfil dinâmico e uma inter-relação social propagada pela nova tecnologia, tende a produzir indivíduos diferentes daqueles antes do advento da internet, uma vez que eram vistos a partir de uma identidade bem definida.

Mundo virtual e as interações sociais

A internet oferece um espaço de interação que Pierre Levy (1999) chama de desterritorializado, produzindo nessa geração tecnológica a característica de não pertencimento geográfico. É o ciberespaço de que fala o autor, que o pontua como um princípio copresente a qualquer outro espaço numa velocidade sem precedentes.

É nesse espaço desterritorializado que se encontram as novas sociabilidades; chats, sites de relacionamento, orkuts, etc. Dentro dessa perspectiva, Levy (1999) afirma que as tecnologias são produzidas pelo homem e a utilização destas são uma forma de reinterpretá-las, e de fato é o que os indivíduos têm feito.

O contexto comunicativo existente no ciberespaço produz a sociabilidade na qual cada indivíduo interage simultaneamente, como se tivessem a mesma realidade. Nessa nova sociabilidade é possível partilhar a inteligência coletiva e debater infundáveis temas ao mesmo tempo, livre do controle ideológico. Nesse ponto confirma-se o que Simmel (2006) considerava como objeto da sociologia, a realidade formada a partir da vida dos indivíduos.

O movimento criado com a divulgação das ideias, promovido com a nova tecnologia, por meio de discursos trouxe além da disseminação do conhecimento, uma

exposição do cotidiano dos indivíduos. O homem pode então ficar mais informado, se expor e assistir a exposição do outro, entrar em contato com diversas realidades e ver descortinar diante de si, “prateleiras” infinitas de interesse.

Dentro do contexto do ciberespaço com opções de trocas e interesses a dividir é relevante para um melhor entendimento sobre interações sociais nesses espaços, pontuar dois conceitos de Simmel (2006) sociação e sociabilidades. Segundo o autor, sociação é a forma como os indivíduos se relacionam conforme seus interesses e a sociabilidade é a capacidade dos atores sociais de conviverem, ou seja, ela resulta das combinações e das interações que são propiciadas conforme os desejos e necessidades dos sujeitos ou grupos. Para ele, a sociabilidade seria a “forma lúdica da sociação”, forma que hoje é bem caracterizada nas trocas ocorridas no espaço virtual. Simmel (2006, p.60), afirma que:

(...) é conteúdo e matéria da sociação, tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica, como impulsos, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimentos nos indivíduos- tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros.

No ciberespaço, os indivíduos se agrupam conforme seus interesses pela identificação com determinadas ideias, princípios e desenvolvem um relacionamento amigável, ou melhor, desenvolvem “tatos sociais”, influenciam e são influenciados. Ao mesmo tempo em que as comunidades virtuais com múltiplas identidades tendem a agregar como pequenas aldeias, a efemeridade e o descompromisso próprios desses espaços paradoxalmente parecem tornar as relações superficiais.

Nas salas de relacionamento na internet, ou o sujeito tem uma multiplicidade de identidade ou possui uma identidade passível de ser decomposta em várias. Juntando-se a isso tem a celeridade com que ocorrem as mudanças nesse mundo globalizado que se refletem nas relações fulgazes. Segundo Hall (2006), o sujeito possui uma flexibilidade necessária em um ambiente social e tecnológico fundamentalmente dinâmico.

O sujeito dessa sociedade não dispõe de uma identidade permanente, mas de identidades conforme o contexto em que se apresente. Esse aspecto acontece

frequentemente nas redes sociais, no qual se diz o que o outro quer ouvir, e se parece ser conveniente. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de “sentido de si” estável é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito. (Hall, 2006, p.9). O duplo deslocamento, relativo ao mundo social e cultural, quanto de si mesmo define a “crise de identidade” para o indivíduo.

Outra característica do mundo virtual é a falta de compromisso, este alavancado pelo anonimato, porém é interessante pensar que de certa forma eles fazem um caminho inverso, ao associar agregar por interesses ou afinidades. A associação faz um vínculo. E porque o vínculo? Quando se vincula a alguém, instituição, ou comunidade virtual ou qualquer outra forma de interação no ciberespaço é porque há uma identificação. Os vínculos fazem parte das necessidades do ser humano para sobreviver, são eles que dão o sentido de pertença, assim como validam o sentimento de valor pessoal.

Os agrupamentos, as formas pelas quais as pessoas se associam ocorrem pelo afeto. E esse sentimento é instalado desde que nascemos por meio das relações familiares, é nessa conjunção que os seres humanos aprendem e experimentam os modelos que vivenciarão em relações futuras. Todo esse experimento vivencial perpassado de emoções é absorvido, ou melhor, internalizado pelo indivíduo.

O sentimento de pertença é construído no mundo interno, sentimento que trás bem estar, e dentro desse espaço o sujeito desenvolve sua identidade. Por meio da identidade é possível perceber que no meio social cada um é singular, distinto do outro.

As mudanças da sociedade contemporânea têm como responsável o avanço tecnológico, uma sociedade informatizada que com facilidade compartilha informação de forma instantânea. Nessa configuração a sociedade está sendo redesenhada. Ao mesmo tempo em que o sujeito recebe ou obtém informações de vários locais, ele também a produz, há um excesso. O homem tem se adaptado e nesse processo há uma transformação em seus valores e comportamento.

Com o mundo virtual, a precisão incontida de informações agravou mais ainda a dissociação entre estas e a emoção. O homem sem emoção se despersonaliza, perde sua identidade. Para uma melhor compreensão sobre identidade, Hall (2006) define três concepções básicas. A primeira seria o sujeito do iluminismo, que segundo o autor é um

sujeito unificado, também chamado sujeito da razão, com características que permanecem inalteradas. A segunda é o sujeito sociológico que se estrutura na interação social, construído conforme as transformações econômicas e sociais pelas quais a sociedade atravessou. A terceira define o sujeito pós-moderno como aquele constituído num contexto no qual tudo é efêmero e possuidor de várias identidades.

Definitivamente o homem da era virtual se define no terceiro modelo. O homem inserido na sociedade de hoje que perdeu a identidade unificada e estável de antes tem oportunidades amplas para experimentar novas identidades conforme seus interesses e objetivos, agregando-se a diferentes grupos. Antes o homem da modernidade se sentia confortável com uma identidade definida pela sua territorialidade, cultura e raça. Hoje, em plena sociedade capitalista, globalizada e tecnológica pode se mover com certa liberdade.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno desprovido de uma identidade rígida, permanente. Como diz Hall (2006, p.12), o próprio processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático. O processo de globalização, reforçado pelos avanços tecnológicos dos últimos tempos, sem dúvida, colaborou para que essa noção de identidade sofresse alteração.

A identidade do homem pós-moderno não é mais rígida, ele possui a oportunidade de experimentar quantas identidades lhe convier, tendo para isso um variado leque no mundo virtual. Mas não há uma padronização do que se deve ser? Como se todos tivessem a obrigação de serem formatados no mesmo estilo de vida, e terem os mesmos valores. Há uma ditadura, produzindo nos indivíduos padrões a serem seguidos relativos à identidade (Ser), mas também relativos à posse (Ter).

Com o advento e evolução das novas tecnologias surgem também variados tipos de sociabilidades que permite o alargamento de horizontes. Mas será que também essa conexão gerada por ela, transformando todos numa grande aldeia não levou cada indivíduo a alienar-se de si mesmo, perder seu referencial? Simultaneamente na medida em que aumenta o nível de comunicação pode também isolar, alienar. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que pode unir pela identificação, pode dividir por ideologias, etnias, religião, etc.

O anonimato

Sem dúvida uma das mais importantes características do mundo virtual é o anonimato, ou seja, a preservação da identidade. A partir dela derivam-se outras particularidades no ciberespaço. Lá é um espaço propício para ser o que se quer ser, extravasar seus sentimentos e opiniões sem desaprovação. Enfim, revelar-se ou não, se revelar sendo múltiplo. O indivíduo assume qualquer identidade em momentos distintos, livre. Qualquer identidade não, algo que está dentro de si. Uma persona?

O extravasar propiciado pelo anonimato no mundo virtual caminha paralelo à repressão, pois aquele permite ao indivíduo liberar desejos reprimidos. É o estar a sós consigo mesmo, livre da censura e da repressão que a sociedade impõe a todos, desde a tenra idade.

A sociedade é competitiva, individualista e empurra a todos para ser uniforme, padronizado, delineando o que se deve ser, o que se deve ter. O mundo virtual tem proporcionado ao indivíduo momentos de supressão dessa ditadura, permitindo-lhe fantasiar, sonhar. Seria uma fuga ou se permitir ser?

Para Freud (1933/1996), o recalque das pulsões que todos os indivíduos possuem é propiciado pela sociedade, efetivada por intermédio da educação. Para ele, a sociedade utiliza a educação em todas suas formas para reprimir as pulsões e assim transformar os indivíduos em modelos adequados a essa sociedade. Como diz Freud (1933/1966, p.147), a educação deve inibir e suprimir e isto ela procurou fazer em todos os períodos da história.

Diante dessa sociedade exigente, o Pai da Psicanálise acredita que o indivíduo adocece. Para ele a sociedade produz neuroses. Essa crítica foi feita no início do século XX, período que a sociedade não apresentava as características de hoje, pois possuía outra estrutura, outros valores. O capitalismo cresceu, a globalização e o avanço tecnológico deram outro perfil a essa sociedade, resultando ou aumentando as cobranças sobre esse sujeito pós-moderno. Se antes naquela sociedade do século passado o psicanalista acreditava que ela produzia esse mal, o que pensaria ele dessa sociedade de hoje?

Ser ou ter

Portanto, se os indivíduos são produtos do meio social e vive numa sociedade capitalista, a forma como o homem se percebe e é percebido será segundo a sociedade a que pertence, ou melhor, é preciso ter, mostrar ter. O homem pós-moderno por certo se sente pressionado com tais urgências, medo de não pertencer, de não alcançar sucesso. Frente a essa pressão, o homem está perdendo contato consigo mesmo, como se possuísse apenas a identidade social. Sobre esta, Tajfel (1983, p.29) a define como aquela parcela do autoconceito de um indivíduo que deriva do seu conhecimento de sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o significado emocional e de valor associado a sua pertença.

O sentimento de pertença é construído por sentir-se reconhecido, ou seja, a relação social propicia esse reconhecimento, um valor. A cibercultura como se processa promove e facilita a identidade social, afinal não é dado ao indivíduo liberdade de ser conforme a conveniência?

Se identidade social formata os indivíduos, unificando-os, a identidade pessoal é aquela que o singulariza. Na sociedade globalizada, capitalista e tecnológica diante da pressão e aceleração o indivíduo parece confuso. Seria então a crise de identidade de que fala Hall (2006), o conflito entre o ter e o ser? É então a identidade social que dá aos indivíduos o sentimento de pertença, daí a necessidade do homem sempre se agrupar. Do sentimento de pertença se origina a autoestima, um dos pilares de sustentação do indivíduo para se sentir completo.

Rogers (1963, apud Fontana,1998) afirma que todo indivíduo tem necessidades inatas básicas de sobrevivência, emoções, sentimentos, sensações e necessidades sociais, sendo que a mais importante é a necessidade de apreciação positiva. Essa necessidade corresponde à aceitação e aprovação dos outros. Sem essa apreciação positiva dos outros o indivíduo provavelmente não desenvolve uma apreciação positiva de si mesma Se suas necessidades foram atendidas, ele desenvolve uma autoimagem positiva.

Observa-se que por meio das interações com os outros, nesse processo de troca, o ser humano constrói seu autoconceito. O quadro que a pessoa desenvolve sobre si mesmo é adquirido na relação com o outro, uma vez que ele não nasce com uma

consciência formada sobre si.

Fontana (1998), citando a teoria de Maslow descreve o modelo que é composto das necessidades pessoais na sua base, em seguida, a necessidade de segurança e sucessivamente de amor e participação, necessidades de autoestima, necessidades cognitivas, necessidades estéticas e no ápice dessa pirâmide estão as necessidades de auto realização.

À medida que o sujeito consegue satisfazê-la, surge outra sucessivamente. Observando a pirâmide, percebe-se que a necessidade de autoestima que é a necessidade de aprovação está no patamar abaixo das necessidades cognitivas. Conforme o exposto então se vê que naturalmente o indivíduo procura se agregar, agrupar-se a outros por uma necessidade inata enquanto ser humano.

Hoje, nessa sociedade virtualizada, os indivíduos continuam a fazer o que sempre fizeram: se agregar. Só que dessa vez o ciberespaço é o pano de fundo, haja vista o *Orkut*, *Facebook*, *chats*, dentre tantas outras opções. Agrupam-se no mundo via internet, utilizando desse meio, tentando encontrar sua identidade ou estaria tal ferramenta tecnológica esfacelando a identidade dos indivíduos?

Conclusão

A sociedade pós-moderna é uma sociedade tecnológica, mudaram as relações, porém continuam sendo relações humanas.

É interessante lançar um olhar de continuidade para essa sociedade e menos apocalíptica por conta das inovações tecnológicas. Afinal foram criadas pelo homem para servir ao homem. Tal e quais tantas outras invenções no passado que ao primeiro impacto irrompia em indagações e semeava medos. Na verdade o bom e velho medo. O desconhecido assusta o homem.

Na sociedade de hoje, virtual, o indivíduo, de fato, é fragmentado, sua identidade é múltipla. A globalização marca esse sujeito de forma particular, contribuindo de sobremaneira com os efeitos desse mundo virtualizado.

Se a identidade é construída na interação social com o outro, e é pela existência do outro que sabemos quem somos então o ciberespaço é um ambiente propício para multifacetar a identidade desse indivíduo, pois são amplas as possibilidades de interações simultâneas desse espaço desterritorializado. De fato a identidade não é

unificada, é mutável. Há um deslocamento ou descentração do sujeito nessa sociedade, mas não há perda de sentido de si.

O sujeito dessa sociedade pós-moderna virtualizada parece estar mais próximo de si do que antes. Ele possui agora condições propiciadas pelo ciberespaço, no qual estilos de vida, cultura e troca de informações são dinâmicas e possíveis de serem reconhecidas. É permitido a ele, testar, tentar, procurar em inúmeras identidades, seja em salas de relacionamento, comunidades ou outra opção se conhecer melhor, saber com seus sentidos quem de fato é, enriquecendo-se com a exploração dessas experiências identitárias.

É possível, portanto, pensar quão positivamente o mundo tecnológico pode estar contribuindo com o sujeito no aspecto existencial. É interessante perceber que o percurso encontrado pelo sujeito navegante no ciberespaço está possibilitando percorrer caminhos na tentativa de fugir de pressões, sejam físicas ou emocionais que a sociedade lhe impinge.

O anonimato favorece a experiência de muitas identidades e talvez seja uma maneira nova de encarar seus conflitos no mundo globalizado. Diferente do que parece ser, ao frequentar grupos diferentes e experimentar identidades variadas, o indivíduo pode estar mais próximo do autoconhecimento, mais consciente e preparado para dizer: Eu sou...

Referências

DAYRELL, Sergio. P. **Sexo afeto e era tecnológica**. Brasília: UnB, 1999.

FONTANA, David. **Psicologia para Professores**. São Paulo: Loyola, 1998.

FREUD, Sigmund. **Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise**. Conferência XXXIV: Explicações, Aplicações e Orientações (J. L. Meurer, Trad.)- In J. Salomão (Org) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O mal estar da civilização**. (J. O. A. Abreu, Trad.). In J. Salomão (org.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud (Vol XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A, 2006.

LEVY. Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias gerais II**. Tradução por Lígia Amâncio. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.